**As Paisagens Vivas de Leonora Weissmann**

*Por Jocê Rodrigues – 2013*

***O real é apenas uma palavra, talvez uma sensação ou impressão: pelo menos assim parecem dizer as pinturas de Leonora Weissmann, filha de Manoel Serpa e Selma Lobo e sobrinha-neta do aclamado escultor Franz Weissmann.***

Em muitas de suas obras a artista explora seus retratados de maneira profunda, convidando o corpo a uma experiência simbiótica com o ambiente que o envolve, transformando-os quase em um só, com certa ênfase no elemento paisagístico dessa fusão. O resultado pode ser encarado como a criação de diferentes formas de fazer, de ler e de interpretar a pintura. O olhar de Leonora é minucioso, porém seu realismo está além da simples reprodução do real. Em seus retratos ela produz cortes onde o proprioceptor pode acoplar desejos e afetos, elevando a experiência de contemplação a um estágio de vivência; o observador penetra de tal forma as texturas que acha possível habitar ali, esconder-se entre as folhagens ou nas sombras, deixando pra trás as sensações cognoscíveis pela busca de uma experiência de linguagem velada.
 De certa forma, em seu pincel também está sua voz, sua habilidade de colorir com desenvoltura melodias e ritmos intrincados – Leonora é integrante dos grupos **qUEbRApEdRA** e **Misturada Orquestra,** além de participar de outros projetos para os quais empresta suas habilidades de cantora e intérprete. As melodias que cria enquanto pintora soam ora abstratas e virtuosas, ora simples e diretas e é através desses contrastes que surgem imagens emocionais embrenhadas em olhares, cabelos e folhagens. Seja na casca de uma árvore ou na pele de um retratado, as marcas expressivas de seu olhar apurado e voz intensa e potente se fazem notar. O eco de suas notas se transforma em cor, textura e espanto.
 Com influências que vão de Guignard a Lucian Freud, leonora Weissmann constrói sua própria maneira de narrar formas, luzes e contrastes. Explorando o fenômeno da reflexividade, ela proporciona um encontro poético entre corpo e espírito, onde essas identidades se confundem e põe em xeque a estrutura cartesiana e assim cria paisagens que estão sempre além do ato de ver.